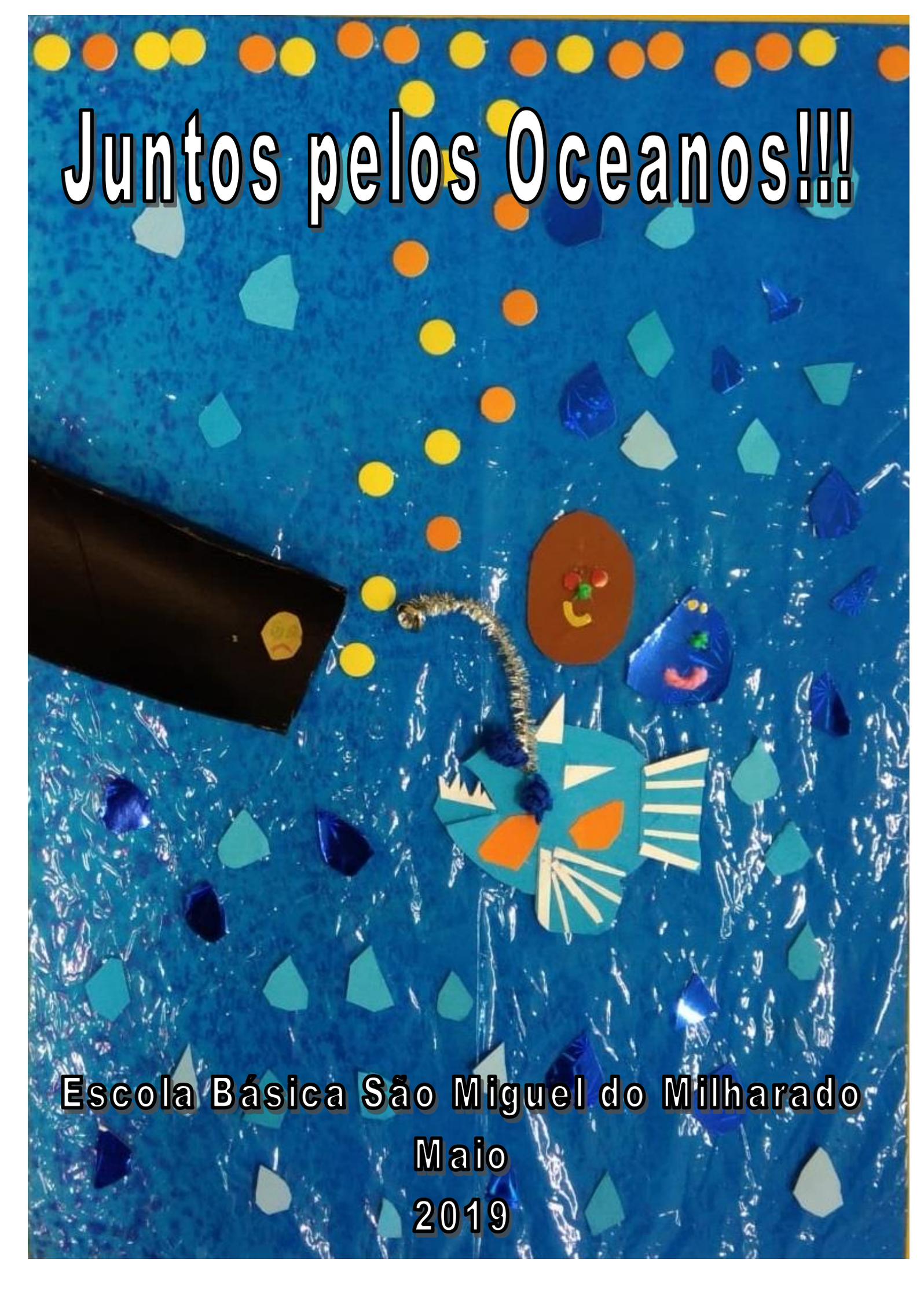


Juntos pelos Oceanos!!!

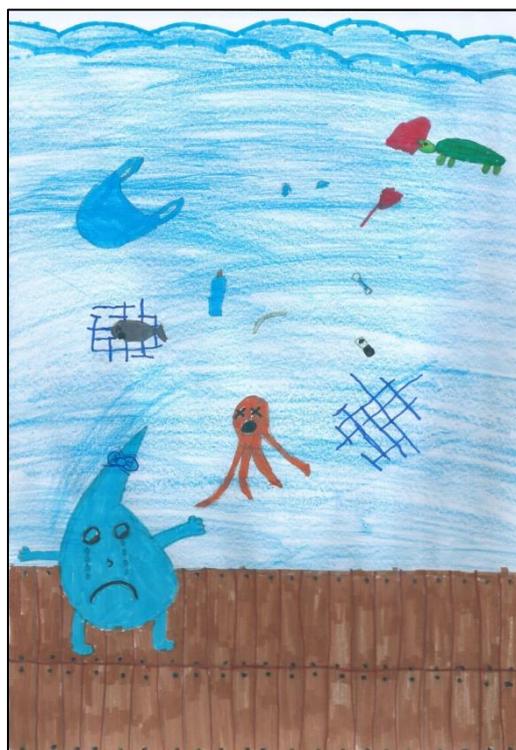


Escola Básica São Miguel do Milharado

Maio

2019

A gotinha de água “exploradora” vivia alegremente no imenso oceano Atlântico, junto ao continente Europeu, perto de Portugal. Ela gostava de brincar, correr, saltar, rir, nadar e mergulhar com as suas imensas amigas. A nossa gotinha gostava muito de participar em aventuras, em expedições e adorava fazer parte do ciclo da água. Nas suas aventuras, a gotinha começou a ver objetos estranhos a flutuarem à superfície da água e vários peixes mortos. Curiosa e exploradora, foi verificar que objetos eram e reparou que eram sacos de plástico, garrafas, rolhas, balões, palhinhas e restos de redes de pesca deixadas pelos pescadores. Mas o cenário preocupante não ficava por aqui. Mais adiante, começou a ver umas manchas negras e oleosas à superfície da água.



Como era muito curiosa resolveu ir ver como estava o fundo do oceano e o que se passava lá. Quando chegou, ficou chocada com o que viu. Não podia acreditar no que estava a ver! Plásticos e redes embrulhadas nas algas e nos corais, pilhas, vidros e cotonetes no fundo do mar.

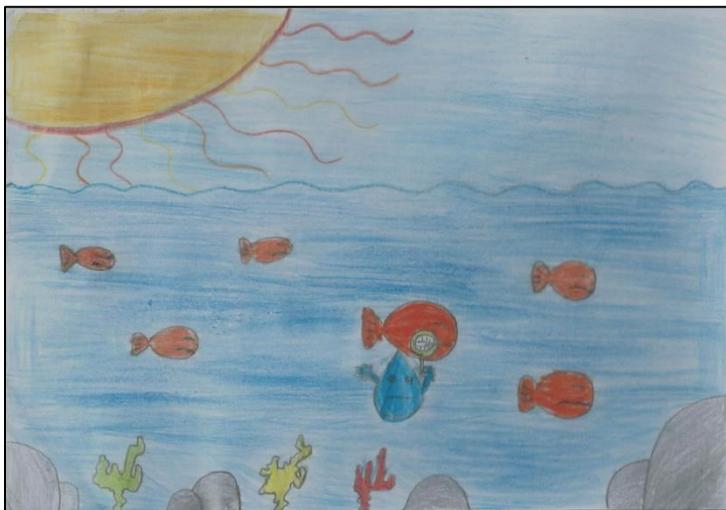
O mais triste foi ver os seus amigos animais marinhos a morrerem por causa desta poluição.

- Que visão horrorosa! - pensou a gotinha de água.

Ela tinha que investigar e descobrir quem estava a poluir o oceano, o que se estava a passar com os seus amigos e quais as razões para esta tragédia.

A Gotinha de Água Prio, muito decidida, foi investigar o que se estava a passar. Levou consigo a sua fiel amiga, a Abae, uma lupa microscópio que lhe permitia ver o interior dos peixes.

A gotinha foi circulando na água, observando os peixes e registando, no seu caderno de apontamentos, as suas observações.



Quando finalmente foi analisar todas as suas pesquisas, verificou que em todos os peixes havia características comuns e as mortes dos peixes deviam-se a um único problema. Os peixes estavam a ficar sem oxigénio, porque o oceano

estava a ficar com falta de luz!

A gotinha muito preocupada foi falar com uma gotinha amiga.

- Olá amiguinha!

- Olá Prio, está tudo bem contigo?

- Não, por acaso, estou a investigar um problema muito grave.

- Um problema grave? O que se passa?

- Pois é, sabes que os peixes estão a morrer no oceano?

- Ah! Já vi alguns peixes mortos. Mas sabes porquê?



- Sim, já descobri. Após investigar com a Abae, percebi que os peixes estão a morrer devido à falta de oxigénio e isto está a acontecer porque o oceano está a ficar sem luz.

- A sério?! Realmente tenho visto que o oceano tem menos luminosidade.

- Agora o problema é saber porque é que isso está a acontecer!

- Olha Prio, eu também não sei, mas se quiseres podemos tentar investigar as duas.

- Sim, muito obrigado! É isso mesmo que vamos fazer, até porque o meu melhor amigo, o peixinho dourado ainda não adoeceu, mas pode acontecer e estou muito preocupada com ele.

E assim, lá foram as duas pelo oceano fora em busca de algo.



As duas gotinhas de água viram várias gotinhas de óleo a chegarem ao oceano e decidiram aproximar-se muito cautelosamente e devagar, cheias de medo. Elas sabiam que o que estava a acontecer fazia mal às outras gotinhas de água e a todos os animais e plantas que vivem no oceano, mas a curiosidade de descobrir a razão, pela qual os peixes estavam a morrer, era ainda maior que o receio, e a Prio só se lembrava do seu amigo peixinho dourado. Ela queria saber quem eram aquelas gotinhas de óleo, de onde vinham e o que estavam ali a fazer.

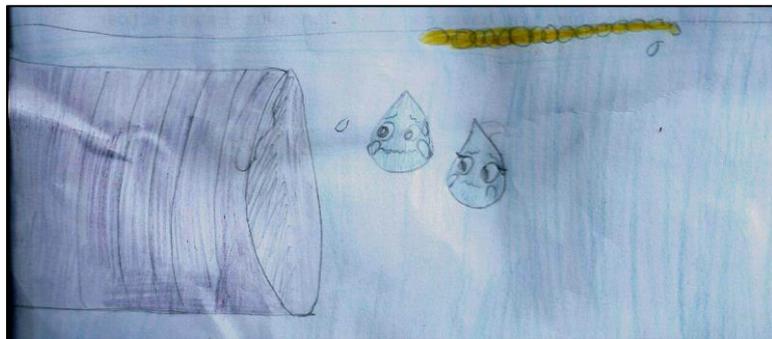


Com a ajuda da sua amiga, a gotinha de água Prio conseguiu ver ao longe, o sítio de onde tinham vindo as gotinhas de óleo. Um sítio escuro apertado e muito assustador. Então, elas encheram-se de coragem e chegaram o mais perto que conseguiram do estranho objeto. Era um cano negro e sujo!

A Gotinha de Água perguntou à sua amiga:

- De onde achas que vem este cano?

- Não faço ideia!
Nunca tinha reparado nele.



Temos de descobrir! Mas agora temos de seguir as gotinhas de óleo.

As duas amigas começaram a aperceber-se que à medida que as gotinhas de óleo saíam do cano assustador, começavam logo a flutuar e iam para a superfície da água.



A gotinha de água ficou muito curiosa para saber porque é que elas começavam logo a flutuar e tentou tirar as dúvidas com a sua amiga:

- Amiga, sabes porque é que as gotinhas de óleo, quando saem do cano, começam logo a flutuar e a ir para a superfície do oceano?

- Não, isso não sei, mas repara no que está a acontecer! ...

Com o passar do tempo, havia cada vez menos luz e estava a ficar muito escuro.



As duas gotinhas de água não aguentaram a curiosidade e foram investigar o cano escuro e assustador. Mas como não conseguiam ver bem, nem para dentro do cano, nem pela falta de luz que havia no oceano, foram pedir ajuda ao amigo Lanterna.



Ele é um peixe luminoso, da espécie Peixe Diabo Negro do Mar. Tem um nome muito assustador, mas, na verdade, é um peixe muito simpático.

Com a ajuda da sua lupa, a Gotinha, lado a lado com o luminoso peixe, entraram com algum receio no tubo frio e escuro. Combinaram que a amiga da Prio ficaria à espreita para ir chamar ajuda, caso fosse necessária.

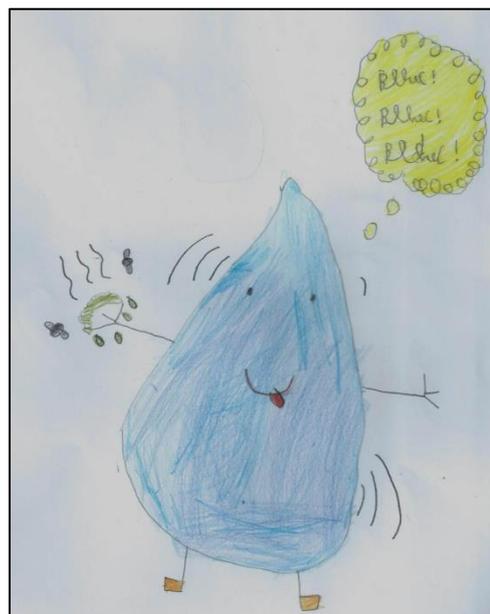
À medida que iam avançando, o cenário não ficou menos assustador, pois, colados às paredes do cano, viam-se restos de uma substância viscosa, escura e com um aspeto nojento.

A Gotinha Prio ganhou coragem e tocou levemente nessa gosma e sentiu um arrepio na espinha e muitos vómitos. Aquilo vinha agarrado aos dedos!

- Blhec! Blhec! Blhec! - repetia ela, claramente enojada.

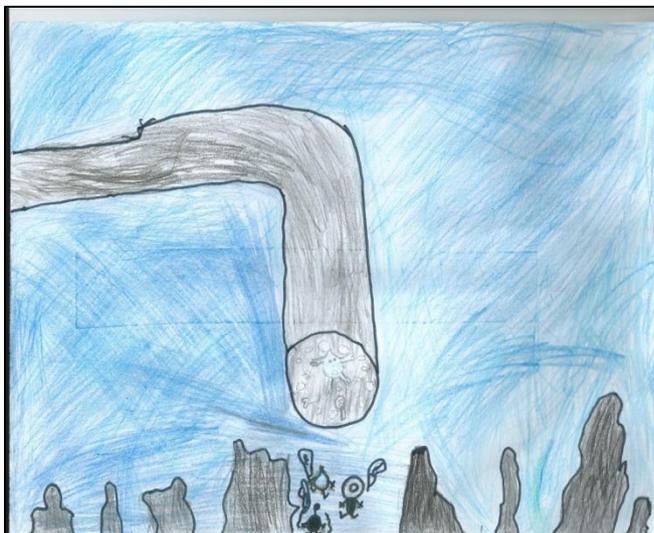
Percorrendo mais uns metros, ouviram o que parecia ser um choro muito baixinho. Ficaram preocupados e acharam que podia ser um peixe que estivesse magoado. Decidiram investigar...

- E se não for um peixe ferido? E se for uma armadilha? - disse o Lanterna, apavorado.



- Achas que pode ser um tubarão? - riu-se a Gotinha.

O Lanterna não se movia. Estava petrificado com medo.



fantásticos amigos seguiram em direção ao som. Viram, então, uma pequena gota de óleo presa nas paredes do cano. Esta gotinha amarela tinha ficado agarrada nas substâncias pegajosas coladas ao tubo e as suas amigas gotinhas de óleo tinham seguido viagem ao longo do cano comprido e ela queria ter ido com elas naquela aventura. Ela chorava porque se tinha separado das amigas. Chamava-se Oleosa e só tinha 4 frituras de idade.

A Gotinha parou para refletir um pouco e continuou, dizendo:

- Lanterna, tens de ser tu a ir à frente. Nós precisamos de ti. Nós confiamos em ti! Tu vais conseguir! Acredita que vais ser capaz!

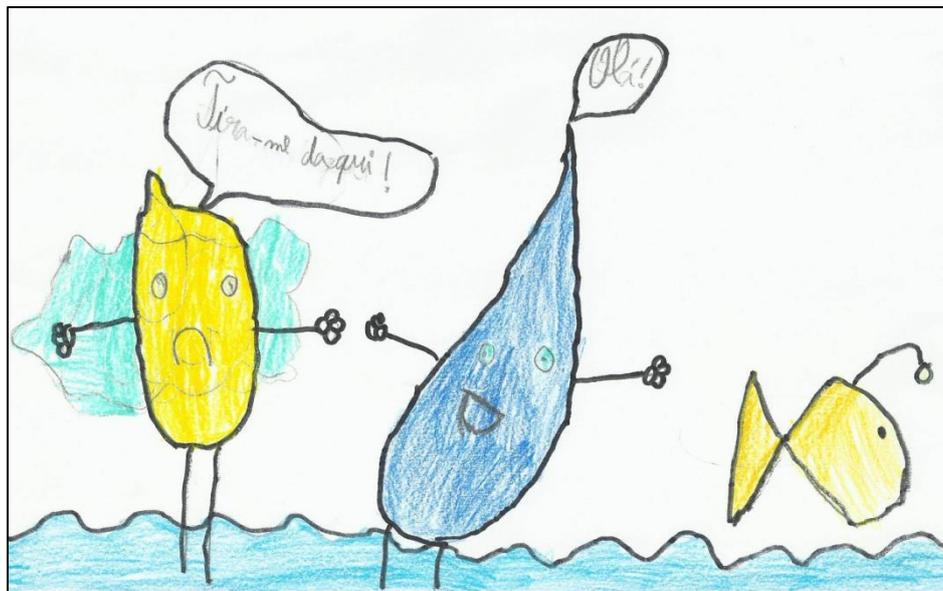
Apesar de cautelosos, estes



Quando chegaram perto da gota de óleo, a Gotinha de Água perguntou:

- Estás bem, Gota de Óleo?

- Não, estou aqui presa e quero ir ter com as minhas amigas. – respondeu a Oleosa.



- Nós vamos tentar tirar-te daí. Mas quem são as tuas amigas? – perguntou a Gotinha Prio.

- São as outras de gotas de óleo. Nem sei onde elas estão.

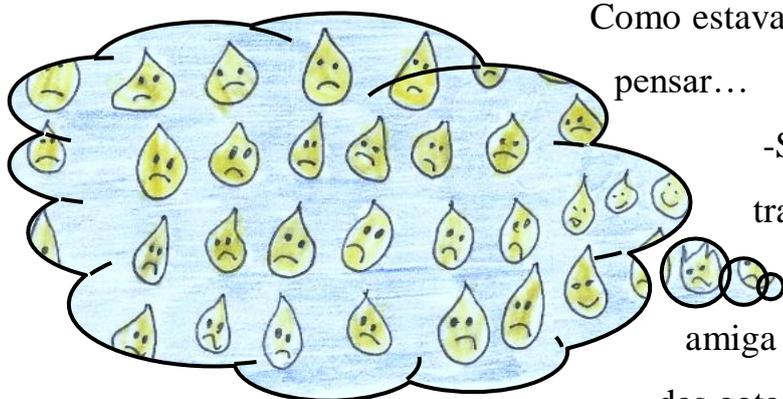
- As tuas amigas estão na superfície da água no final deste cano. E por estarem aí, o oceano ficou escuro e os peixes estão com dificuldade em respirar. – disse a Gotinha de Água com um ar triste e preocupado.

O peixe Luminoso, com a sua luz aquece a substância pegajosa que prendia a Gota de Óleo e com a sua barbatana consegue soltá-la.

- Obrigada, amigos, por me salvarem. O meu nome é Oleosa. Não se preocupem que eu vou avisar as minhas amigas sobre o que estão a fazer ao Oceano.

A Oleosa continuou o seu caminho e encontrou as suas amigas gotas de óleo à superfície do Oceano. Ela contou-lhes a sua conversa com a Gotinha de Água e o Lanterna, deixando as gotas de óleo a pensar que poderiam estar a poluir a água do Oceano e qual seria a melhor solução para que isso não acontecesse.

Como estavam tão preocupadas começaram a pensar...



-Será que nos conseguimos transformar em gotas de água e fazer parte do mar como a tua amiga Gota de Água? - perguntou uma das gotas de óleo.

-Vamos tentar! - responderam em coro.

- Mas precisamos de ajuda... - disse a gota que tinha ficado presa no cano.

- Prio, tens alguma ideia genial?

- Deixa-me pensar... Sozinha não consigo, mas se chamar as amigas ondas, com todas as gotas que nelas vivem, talvez!

Rapidamente o mar se agitou com ondas pequeninas, ondas grandes, de vários tamanhos e feitios! Em conjunto, trabalhando em equipa, tentaram misturar o óleo com as suas gotas de água. Puxaram-nas para baixo, para cima, para a esquerda e para a direita, mas as teimosas das gotinhas teimavam em voltar à superfície.



Foi então que decidiram chamar o Tubarão Martelo. Podia ser que à martelada funcionasse! A verdade é que as gotinhas de óleo não gostaram lá muito dessa ideia, mas estavam dispostas a tentar tudo! Até a levar marteladas! O Tubarão Martelão bem tentou. Bateu, bateu, bateu, mas a única coisa que conseguiu foi parti-las e

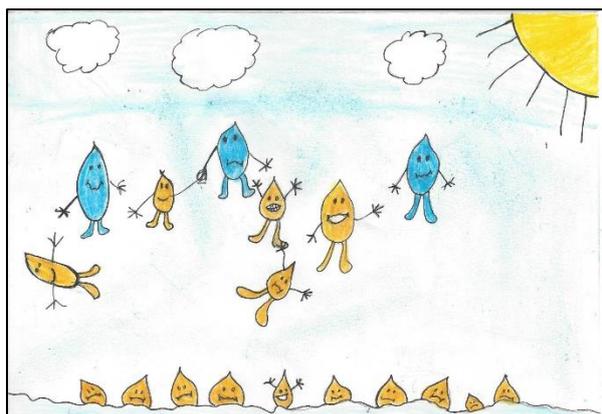
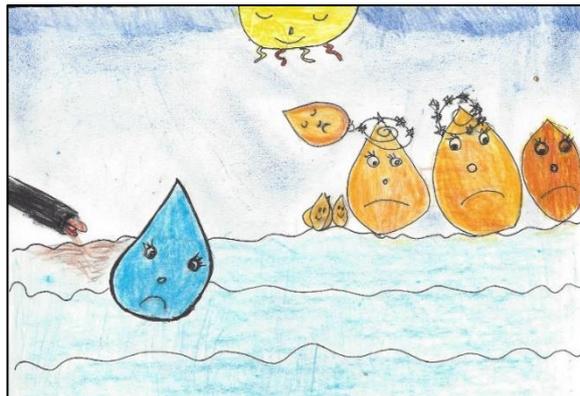
espalhá-las mais. Ainda ficou todo atrapalhado a dizer:

- Mas eu não fiz por mal! Vocês é que me pediram!!!

Passado pouco tempo, já estavam as gotas todas juntas novamente!

-Não resultou!- disse a Gota de Água, muito triste.

- Pois não...- disseram as gotas de óleo, ainda atordoadas das marteladas do Martelão. - Temos de pensar noutra solução!



A Prio lembrou-se então dos seus passeios no Ciclo da Água e pensou que talvez pudesse transportar as gotas de óleo para fora do mar, para os homens em terra tratarem delas de outra forma. Chamou algumas amigas e juntas tentaram agarrar o óleo à superfície, mas... tentavam, tentavam

e não conseguiam.

- Vocês são muito escorregadias! Não vos conseguimos agarrar e no mar vamos ter que ficar!

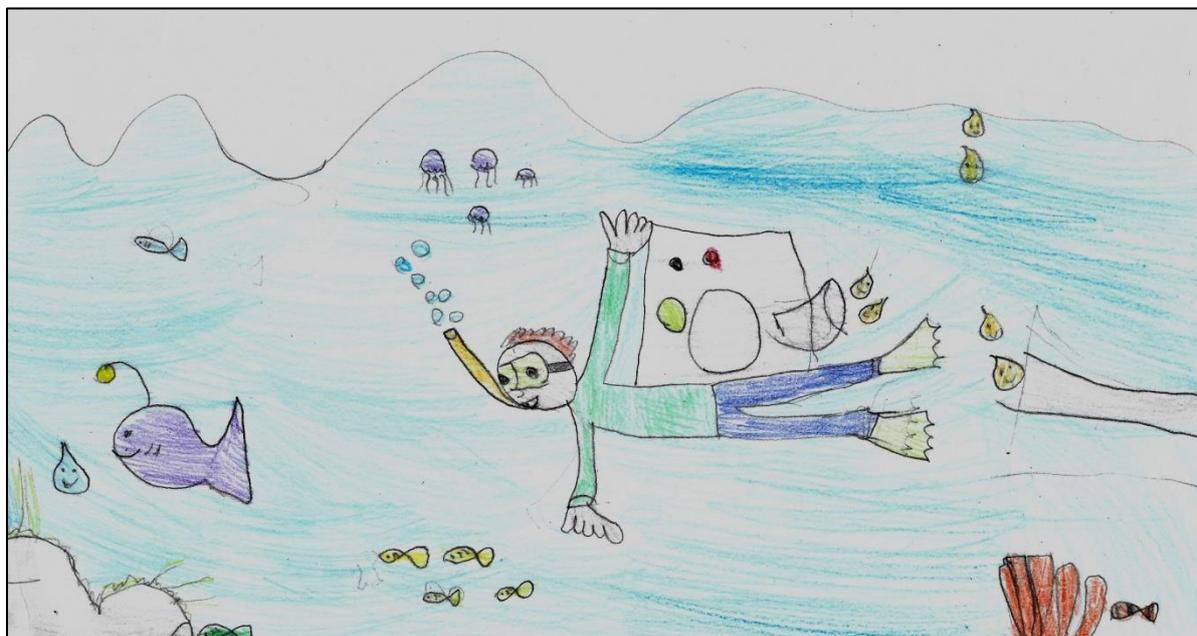
A Gotinha de Água de repente teve uma ideia:

-Ah! Vou chamar o meu amigo Zé Carapau... Como é que não me lembrei disto antes! Ele é um mergulhador profissional e de certeza que nos vai conseguir ajudar com alguma geringonça daquelas que ele tem.

O senhor Zé Carapau tinha, de facto, uma máquina que filtrava o óleo dos



oceanos. Ele mergulhou com a sua máquina de filtrar o óleo e, ao fim de algum tempo, percebeu que sozinho ia ser muito difícil conseguir esse trabalho. Perante esta situação, só havia uma coisa a fazer, falar com os seus amigos mergulhadores, que também tinham dessas máquinas, e pedir ajuda para limpar o oceano.



Os amigos aceitaram ajudar e combinaram mergulhar todos juntos para conseguirem tirar a maior parte do óleo da água. Ao fim de alguns dias já tinham uma boa quantidade de óleo guardada num contentor, mas tinham um grande problema. O que iriam fazer ao óleo para ele não voltar a poluir as águas?

Um dos mergulhadores, o Alberto, lembrou-se que na Universidade de Lisboa havia cientistas que certamente saberiam o que fazer para solucionar o problema da reciclagem do óleo.

- Excelente ideia!- exclamaram os outros.

- Se houver uma maneira de reciclar o óleo, ele já não volta para o mar e não mata os peixes e as plantas marinhas!

- Mas agora tenho uma dúvida!- exclamou o Zé Carapau com um ar muito pensativo - Como é que o óleo foi parar ao mar?

Bem, neste momento, o mais importante era mesmo ir à Universidade de Lisboa e entregar o óleo aos brilhantes cientistas. De certeza que eles saberiam o que fazer! Assim, sem demoras, o Senhor Zé Carapau e os seus amigos dirigiram-se para o seu destino na carrinha da Dona Dourada Escalada, uma amiga tão gorda que parecia que a sua pele reluzia.

Ao chegarem, e após alguns minutos de explicações ao que iam, os cientistas tranquilizaram os amigos mergulhadores, dizendo-lhes que, hoje em dia, havia várias maneiras de reciclar o óleo. O Senhor Zé Carapau não conseguiu conter um enorme sorriso e um certo alívio.



- A ciência avançou muito como, de certo saberá, Senhor Carapau. Nós sabemos que as pessoas continuam a deitar o óleo nas sanitas, lava-louças, lavatórios, etc, e outros resíduos que vão parar aos nossos rios e oceanos.

- Ah, então é daí que vem este óleo?! - Percebeu o mergulhador mais atento.

- Sim, essas pessoas não têm a mínima noção do mal que estão a fazer às nossas águas. Poluem a água, o que já é bastante mau, mas, ainda pior, é que matam milhares de espécies de animais e plantas e dificultam muito as condições de vida nos oceanos.

- Pois, bem que os peixes se queixavam que viam cada vez pior no oceano. - Acrescentou a Dona Dourada Escalada. - Mas, diga lá Senhor Cientista, o que irão fazer ao óleo que nós trouxemos?

- Ora, este belo óleo vai ser utilizado para fazermos biodiesel, que pode ser utilizado em várias máquinas



agrícolas e não polui tanto o ambiente. Mas também o utilizamos para fazer sabão e tintas de óleo. Se reciclarmos o óleo, acabamos por poupar.

A Dona Dourada Escalada não queria acreditar que as pessoas deitassem o óleo na sanita e não o entregassem a quem sabe reciclá-lo e torná-lo útil, uma vez mais. Os mergulhadores estavam muito contentes e mal podiam esperar para dar estas excelentes novidades às gotinhas de água e ao Lanterna. A Prio e os seus amigos até ficaram emocionados ao verem que tinham ajudado a resolver um problema gravíssimo, mas sabiam também, que rapidamente poderia voltar a acontecer um problema assim, pois quem andava a deitar óleo nas canalizações certamente o continuaria a fazer.

Como é que a Gotinha de Água e os seus amigos poderiam fazer para que os humanos deixassem de fazer este grande disparate?

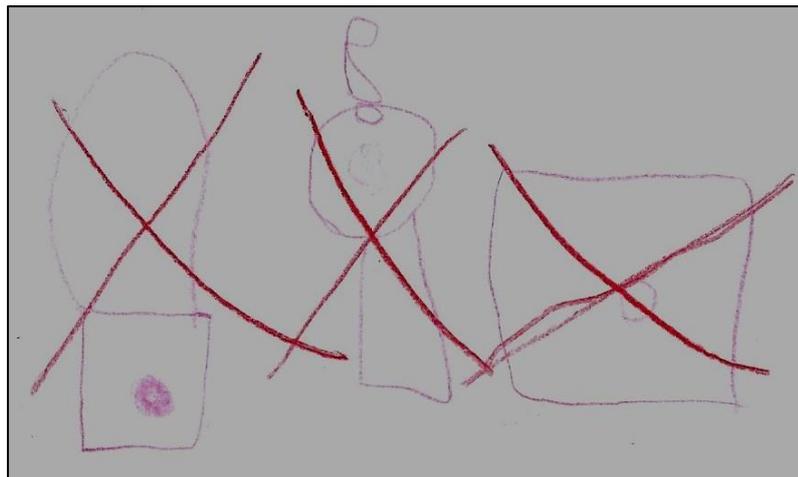
A única solução seria pedir ajuda aos humanos que não vêm à praia só no Verão. Os surfistas, os pescadores e os marinheiros. Claro! Eles é que vão passar a informação aos outros humanos.

A Prio lembrou-se logo da sua amiga Filipa Prancheta, uma surfista de longos cabelos louros, mas com cara de pescada, que em tempos distantes tinha sido marinheira e que respeitava muito a água e todos os seres vivos que nela habitam.

A Dona Prancheta ficou horrorizada por saber que os seus pequenos amigos peixes estavam a morrer e que a culpa era dos humanos. Mas reconheceu que também já tinha deitado óleo na sanita, pois houve uma vez não tinha nenhuma garrafa de plástico disponível e precisava da frigideira limpa, para fritar uns douradinhos para o seu filho. Claro que se ela soubesse o mal que estava a fazer, nunca teria feito este disparate e o mesmo acontecerá certamente com outros humanos.

Mas a Dona Prancheta prontamente se voluntariou para passar a palavra. Ela tinha muitos amigos nos bares das praias, locais que os surfistas frequentam e não só no Verão. Este era um bom ponto de partida para ir explicando às pessoas que há sítios próprios para deitarem o óleo e, melhor ainda, saberem

que se o fizerem esse óleo vai ser reciclado e vai ser utilizado para fazer sabão, biodiesel e tintas. Mas, o importante é que não coloquem o óleo usado nas sanitas, lavatórios, ou lava-louças, e sim no Oleão!



O filho da Dona Prancheta, um simpático menino chamado João, a quem os amigos carinhosamente tratavam pelo “Pranchinhas”, adorava ficar a brincar na areia, com o seu pai, enquanto a sua mãe ficava a fazer surf. Ele apercebeu-se desta conversa entre a Gotinha de Água e a sua mãe e comentou logo com o seu pai que o assunto da conversa deveria ser os bichinhos que têm aparecido mortos à superfície da água e à beira-mar.

Quando a Dona Prancheta saiu da água, contou à sua família o que se tinha passado e ficaram bastante motivados para ajudarem na solução definitiva do problema, pois todos têm consciência que para já está resolvido, mas o problema, mais cedo ou mais tarde, vai voltar a acontecer.

O Pranchinhas andava no segundo ano de escolaridade e tinha uma professora que adorava a Natureza. Lá na escola, já tinham organizado várias limpezas da areia da praia e os fatos dos desfiles de Carnaval tinham sido, várias vezes, feitos com produtos encontrados nessas limpezas. Certamente, a professora poderia ajudar neste problema.

Não é difícil adivinhar que a turma toda do Pranchinhas ficou entusiasmada com a hipótese de ajudarem a Prio e aproveitaram a festa de final de ano letivo para fazerem canções sobre o tema e espalharem vários cartazes pela escola, na Junta de Freguesia, na farmácia, no Centro de Saúde, etc. Esses

cartazes tinham as seguintes mensagens: “Óleo na sanita, não!” e “Óleo é no oleão, por si e por mim!”



Os alunos sabiam que era muito importante levarem esta informação para as suas casas, para que o problema ficasse resolvido de uma vez por todas.

Assim, fizeram uns panfletos para colarem nas cozinhas lá de casa, para servirem de lembrete. Esses panfletos lembravam a necessidade de não deitar os óleos usados e os seus resíduos na canalização e que deveriam usar o oleão.

A turma do João fez um pedido especial à Câmara Municipal para que passassem usar sabão reciclado nas casas de banho, para que os meninos percebessem que era mesmo verdade, que se deitassem o óleo nos sítios certos, ele seria reciclado e reutilizado e cuidariam melhor do Ambiente. Pediram ainda a esta instituição, mais eco-pontos de recolha de óleo nas escolas, para que os pais não pudessem dizer que perto das suas casas não havia oleões.

Com a ajuda do Clube de Robótica da escola dos meninos mais velhos, fizeram uns crachás com a frase: “Óleo é no Oleão!”

Foi com grande surpresa que, em pouco tempo, os alunos da escola do João Pranchinhas viram sabão reciclado a partir de óleo, nas casas de banho da

escola. E num desses sabões, vinha a nossa gotinha de óleo, a Oleosa, que estava muito feliz, por, agora sim, estar a contribuir para um Ambiente melhor.

Com o sabão “Oleosa” ficas mais cheirosa



SINOPSE

Esta é a história de como, por vezes, as grandes lições da vida nos aparecem à frente dos olhos, provenientes das mais estranhas fontes.

Neste caso, os humanos não têm tratado muito bem o Ambiente, e são os seres "que não são racionais" que ajudam a compor o que o Homem tem vindo a estragar. Que os nossos pequenos escritores também contribuam para um Mundo melhor.

Trabalho realizado no âmbito do Concurso “Uma gota de água e uma gota de óleo”. Os textos e imagens foram criados pelas turmas da Escola Básica de São Miguel do Milharado, em parceria com a Biblioteca Esconderijo das Letras.